

## A CRISE DA LIBERDADE

### *A exploração da liberdade*

A liberdade foi um episódio. “Episódio” significa “entreato”, “intervalo entre dois atos”. O sentimento de liberdade situa-se na transição de uma forma de vida para outra, até acabar por se revelar como uma forma de coação. À libertação segue-se, deste modo, uma nova submissão. É esse o destino do sujeito, que literalmente significa “estar submetido”.

Creemos hoje que não somos um sujeito submetido, mas um *projeto* livre, que se repõe em questão e reinventa constantemente. Esta passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. Ora, acontece que o próprio projeto se revela como uma figura de coação, ou até mesmo como uma *forma eficaz de subjetivação e de submissão*. O eu como projeto, que crê ter-se libertado das coações externas e das coerções alheias, submete-se a coações internas e a coerções próprias sob a forma de uma coação ao rendimento e à otimização.

Vivemos uma fase histórica particular em que a própria liberdade dá lugar a coações. A liberdade do *poder fazer* engendra até mais coações do que o *dever* disciplinar. O *dever* tem um limite. O *poder fazer*, pelo contrário, não tem limite algum. É por isso que a coação que provém do *poder fazer* é

limitada. Encontramo-nos, portanto, numa situação paradoxal. A liberdade é a contra-figura da coação. A liberdade, que deveria ser o contrário da coação, engendra coações. Patologias como a depressão e a síndrome de *burnout*<sup>1</sup> são a expressão de uma crise profunda da liberdade. São um indício mórbido de que hoje, através de diferentes vias, a liberdade se transforma em coação.

O sujeito do rendimento, que se pretende livre, é na realidade um escravo. É um *escravo absoluto*, na medida em que sem qualquer senhor se explora a si próprio de forma voluntária. Não tem diante de si um senhor que o obrigue a trabalhar. O sujeito do rendimento absolutiza a *vida sem mais e trabalha*. A vida sem mais e o trabalho são as duas faces de uma mesma moeda. A saúde representa o ideal da vida sem mais. A soberania é estranha ao escravo neoliberal, é-lhe estranha a própria liberdade do senhor que, segundo a dialética do senhor e do escravo de Hegel, não trabalha e *somente goza*. Esta *soberania do senhor* consiste em elevar-se acima da própria vida e chegar assim a aceitar a morte. Este *excesso*, esta forma de vida e de gozo, é estranho ao escravo trabalhador preocupado com a vida sem mais. Ao contrário da conclusão de Hegel, o trabalho não o torna livre. Continua a ser um escravo. O escravo de Hegel obriga o senhor a trabalhar também. A dialética do senhor e do escravo conduz à totalização do trabalho.

O sujeito neoliberal como empresário de si próprio não é capaz de estabelecer com os outros relações *livres de qualquer finalidade*. Entre empresários não surge uma amizade independente de quaisquer outros fins. E contudo, *ser livre* significa *estar entre amigos*. “Liberdade” e “amigo” têm a mesma raiz indo-europeia. A liberdade é, fundamentalmente, uma *palavra relacional*. Cada um de nós só se sente li-

1 Ou síndrome de esgotamento profissional. (N. T.)

vre numa relação conseguida, numa coexistência satisfatória. O isolamento total a que o regime liberal nos conduz não nos torna realmente livres. Neste sentido, põe-se-nos hoje a questão de sabermos se não deveríamos redefinir, reinventar a liberdade, para escaparmos à dialética fatal que a transforma em coação.

O neoliberalismo é um sistema muito eficaz, e de facto inteligente, de explorar a liberdade. Explora-se tudo o que pertence a práticas e formas de liberdade, como a emoção, o jogo e a comunicação. Explorar alguém contra a sua vontade não é eficaz. Na exploração de outrem, o produto final é parco. Só a exploração da liberdade gera o rendimento máximo.

Curiosamente, também Marx define a liberdade como uma relação lograda com o outro:

Só no interior da comunidade com os outros qualquer indivíduo tem os meios necessários para desenvolver os seus dons em todos os sentidos; portanto, só no interior da comunidade a liberdade pessoal é possível<sup>2</sup>.

Por conseguinte, ser livre não significa outra coisa senão *realizarmo-nos mutuamente*. A liberdade é sinónimo de liberdade conseguida.

A liberdade individual representa para Marx uma astúcia, um engano do capital. A “livre concorrência”, que assenta na ideia da liberdade individual, é somente “a relação do capital consigo próprio enquanto outro capital, quer dizer o comportamento real do capital enquanto capital”<sup>3</sup>. O capital realiza a sua reprodução entrando em relação consigo próprio enquanto outro capital por intermédio da concorrência. O capital copula com o outro de si próprio através da mediação da

2 K. Marx e F. Engels, *Die deutsche Ideologie*, MEW, tomo 3, p. 74..

3 K. Marx, *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, MEW, tomo 42, p. 545.

liberdade individual. Enquanto se concorre livremente, o capital aumenta. A liberdade individual é uma forma de escravatura na medida em que o capital se apodera da sua própria proliferação. Assim, para se reproduzir, o capital explora a liberdade do indivíduo: “Na livre concorrência não são os indivíduos que se afirmam como livres, mas o que se afirma como livre é o capital”<sup>4</sup>.

A *liberdade do capital* realiza-se por intermédio da liberdade individual. Deste modo, o indivíduo livre é degradado em órgão sexual do capital. A liberdade individual confere ao capital uma subjetividade “automática” que o impele à reprodução ativa. Assim, o capital “pare” constantemente “crias vivas”<sup>5</sup>. A liberdade individual, que hoje adota uma forma excessiva, não é em última análise mais do que o excesso do capital.

### *A ditadura do capital*

Segundo Marx, as forças produtivas (a força de trabalho, o modo de trabalho e os meios de produção materiais), a partir de um determinado nível do seu desenvolvimento, entram em contradição com as relações de produção dominantes (relações de propriedade e de dominação). O que sucede porque as forças produtivas progridem continuamente. Assim, a industrialização engendra novas forças produtivas que entram em contradição com as relações de propriedade e de dominação de tipo feudal, o que conduz a crises sociais que se esforçam por promover uma transformação das relações de produção. A contradição é eliminada através da luta do proletariado contra a burguesia e gera a ordem social comunista.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> K. Marx, *Das Kapital*, MEW, tomo 23, p. 169.

Ao contrário do que conclui Marx, não é possível superar por meio de uma revolução comunista a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção. Porque a contradição é *insuperável*. O capitalismo, graças precisamente ao carácter permanente desta contradição intrínseca, escapa em direção ao futuro. Deste modo, o capitalismo industrial transforma-se em neoliberalismo ou capitalismo financeiro, com os seus modos de produção pós-industriais, imateriais, em vez de se transformar em comunismo.

O neoliberalismo, enquanto forma de mutação do capitalismo, transforma o trabalhador em *empresário*. É o neoliberalismo, e não a revolução comunista, que elimina a classe trabalhadora submetida à exploração alheia. Hoje, cada um de nós é um *trabalhador que se explora a si próprio na sua própria empresa*. Cada um de nós é senhor e escravo na sua mesma pessoa. E também a luta de classes se transforma em luta interna de cada um consigo próprio.

Não é a *multidão* cooperante que Antonio Negri eleva a sucessora pós-marxista do “proletariado”, mas a *solidão* do empresário isolado, em confronto consigo próprio, explorador voluntário de si próprio, que constitui o modo de produção presente. É um erro pensar que a *multidão* cooperante derruba o “Império parasitário” e constrói uma ordem social comunista. Este esquema marxista, ao qual Negri continua apegado, revelar-se-á como uma nova ilusão.

Já não é possível mantermos a distinção entre proletariado e burguesia. O proletariado define-se literalmente pela condição de ter os seus filhos como única posse. A sua autoprodução limita-se unicamente à reprodução biológica. Hoje, pelo contrário, alastra a ilusão de que cada um, enquanto projeto livre de si mesmo, é capaz de uma *autoprodução ilimitada*. Na atualidade, a “ditadura do proletariado” é estruturalmente impossível. Hoje, todos estamos sob a dominação de uma ditadura do capital.